



Numa noite muito fria, quando a neve parecia algodão caindo do céu, um homem caminhava por uma floresta enorme. Ele se chamava Bonifácio. Tinha o coração bondoso e um desejo: mostrar às pessoas que Deus as amava de verdade.

As botas dele afundavam na neve a cada passo (crunch, crunch). À sua volta, só se ouviam o vento e o farfalhar dos pinheiros altos. Bonifácio não estava sozinho. Algumas crianças da aldeia caminhavam com ele, curiosas. Tinham ouvido que ele queria visitar um grande carvalho, era uma árvore verde enorme, uma parecida com esta da sua casa, que todos ali daquela aldeia consideravam “sagrado”. Eles tinham medo. Diziam que, se não oferecessem presentes, sacrifícios àquela árvore, algo ruim poderia acontecer.

Quando chegaram ao carvalho, a árvore era mesmo enorme... tão grande que parecia tocar o céu. As pessoas da aldeia estavam reunidas ali, sérias, preocupadas. Bonifácio olhou para aquele tronco gigante, depois para as pessoas, e disse com calma:

— “Vocês não precisam ter medo. As árvores são presentes de Deus. Elas não pedem nada em troca. Quem cuida de nós é o Senhor do céu e da terra, e Ele faz isso com amor.”

As pessoas cochicharam entre si, sem saber no que acreditar. Então, Bonifácio respirou fundo, pegou um machado e bateu no carvalho. Uma, duas, três vezes. O vento soprou forte, e CRAACK! o carvalho caiu. Não houve trovão, não houve castigo... só silêncio. Um silêncio de surpresa.

Atrás do tronco caído, quase escondido na neve, estava um pequeno pinheiro. Nada grandioso... Apenas um pinheirinho simples, todo verdinho, mesmo no meio do inverno. Bonifácio sorriu. Ajoelhou-se para ficar na altura das crianças e apontou para o pinheiro:

— “Vejam só... enquanto a árvore grande caiu, esta aqui permaneceu firme. Ela continua verde, mesmo no frio. Isso me faz lembrar do amor de Deus: sempre vivo, sempre presente.”

As crianças aproximaram-se do pinheirinho, tocando os galhos gelados. Ele era pequeno, mas parecia cheio de vida.

— “Sabem,” continuou Bonifácio, “o formato dele aponta para o céu, como quem lembra a gente de levantar o coração para Deus. E seus galhos abertos... parecem braços prontos para abraçar todo mundo.”

Aos poucos, as pessoas da aldeia foram perdendo o medo. Uma mãe colocou a mão no ombro do filho. Um senhor idoso ajeitou o casaco e sorriu pela primeira vez naquela noite. Bonifácio então disse:

— “Nesta noite, vamos celebrar não o medo, mas a vida que Deus nos dá. Vamos enfeitar este pinheirinho. Ele será a nossa árvore de Cristo... a nossa Árvore de Natal.”

E assim fizeram. Usaram pequenas velas, pedacinhos de pano colorido, flores secas e fitas. A luz das velas foi espalhando-se bem devagarinho, iluminando os rostos das crianças, que não paravam de sorrir. Aquela foi a primeira vez que um pinheiro foi enfeitado para celebrar o nascimento de Jesus. Desde aquele dia, cada vez que você vê uma Árvore de Natal, com luzes e alegria, ela está contando de novo a mesma história: a história de um homem que acreditava no amor de Deus, de uma aldeia que perdeu o medo... e de um pequeno pinheirinho que virou sinal de esperança.